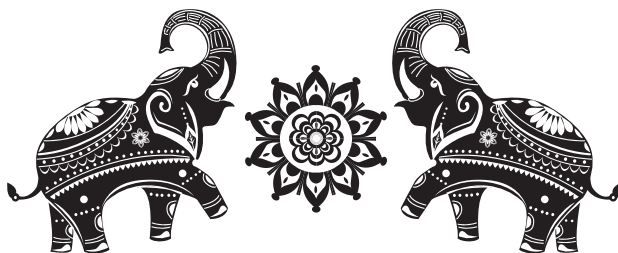


Sumário

Prefácio	9
O leão e a garça	13
Como o filho do rajá conquistou a princesa Labam.....	15
O cordeirinho	26
Punchkin	29
O vaso quebrado.....	43
O violino mágico	45
A garça perversa que foi enganada.....	49
Laili apaixonada.....	53
O tigre, o brâmane e o chacal.....	65
O filho do adivinho.....	68
Harisarman.....	79
O anel encantado.....	83
A tartaruga tagarela.....	90
Cem mil rupias por alguns conselhos.....	93
A serpente que dá ouro.....	100
O filho de sete rainhas	102
Uma lição para os reis.....	110
A soberba precede a queda.....	114
Rajá Rasalu	117
O asno em pele de leão	129

O fazendeiro e o usurário.....	131
O menino com uma lua na testa e uma estrela no queixo	134
O príncipe e o faquir	152
Por que o peixe riu?.....	157
O demônio do cabelo emaranhado.....	163
A cidade de marfim e sua princesa fada.....	167
Como Sol, Lua e Vento saíram para jantar.....	181
Como os filhos malvados foram ludibriados.....	183
O pombo e o corvo.....	185
Notas e referências.....	188

Para meu querido Phil



Prefácio

Do extremo ocidente do mundo indo-europeu, este ano vamos para o extremo oriente. Da chuva leve e verdes pradarias de Gaeldom, procuramos o sol escaldante e o solo árido dos hindus. No território da Irlanda, a crença em fadas, gnomos, ogros e monstros está quase extinta. Na Índia, contudo, ela ainda prospera com todo o vigor do animismo.

Os territórios e os personagens nacionais são diferentes, mas os contos de fadas são os mesmos em enredo e acontecimentos e, porventura, em tratamento. A maioria dos que compõem este volume são conhecidos no Ocidente de uma forma ou de outra, e o problema que se apresenta é como explicar sua existência simultânea nos extremos do Ocidente e do Oriente. Alguns, como Benfey, na Alemanha; M. Cosquin, na França, e o senhor Clouston, na Inglaterra, declararam que a Índia é a Terra dos Contos de Fadas e que todos os contos de fadas europeus foram trazidos de lá pelas cruzadas, por missionários mongóis, ciganos, judeus, mercadores e viajantes. A questão ainda está em julgamento, e só é possível abordá-la como advogado de defesa. De acordo com os dados, devo estar preparado dentro de certos limites para argumentar a favor da Índia. Mais de um terço dos contos de fadas comuns entre as crianças europeias derivam da Índia. Em

particular, a maioria dos contos cômicos e canções pode ser, sem muita dificuldade, remetida à Índia Peninsular.

Certamente há muitos indícios da transmissão primitiva por meios literários de um número considerável de contos cômicos e populares da Índia por volta da época das Cruzadas. As coletâneas conhecidas na Europa pelos títulos de *Fábulas de Bidpai*, *O romance dos sete sábios*, *Gesta Romanorum* e *Barlaão e Josafat* eram extremamente populares durante a Idade Média, e o conteúdo foi passado, de um lado, para os *Exempla* dos pregadores monásticos e, de outro, para as *Novelle* da Itália, contribuindo assim, após muito tempo, com sua cota para o Teatro Elisabetano. Talvez quase um décimo dos principais acontecimentos dos contos populares europeus sejam remetidos a essa fonte.

Há até mesmo indícios de um contato literário anterior entre Europa e Índia no caso de uma derivação do conto popular, a Fábula ou histórias com animais. Em uma discussão um tanto quanto elaborada¹, cheguei à conclusão de que um número considerável de fábulas que são atribuídas ao escravo sâmio Esopo eram derivadas da Índia, provavelmente da mesma fonte, uma vez que semelhantes narrativas eram utilizadas nas Jatakas ou histórias dos nascimentos de Buda. Essas Jatakas contêm grande quantidade de contos populares indianos genuínos, e formam a coletânea mais antiga de contos populares do mundo, uma espécie de Grimm indiano, reunidos mais de dois mil anos antes de os irmãos alemães saírem em sua incursão pelo folclore com resultados tão aprazíveis. Por esse motivo, incluí um número considerável deles neste volume, e ficaria surpreso se contos que despertaram risos e fascínio em budistas devotos nos últimos dois mil anos não produzissem o mesmo efeito em crianças inglesas. As Jatakas tiveram ótimos tradutores para o inglês, que as interpretaram com vigor e propósito; e eu me alegro muito por poder publicar a tradução de duas novas Jatakas, gentilmente traduzidas para o inglês para esse volume pelo senhor

¹ "History of the Æsopic Fable", volume introdutório de minha edição de *The Fables of Æsop*, de William Caxton (Londres, Nutt, 1889).

W. H. D. Rouse, do Christ's College, Cambridge. Em um deles, acredito ter rastreado a fonte da história do boneco de piche de "Tio Remus".

Embora os contos de fadas indianos sejam mais antigos em existência, são, ao mesmo tempo, mais novos a partir de outro ponto de vista. Pois faz apenas cerca de vinte e cinco anos que a senhorita Frere iniciou a coletânea moderna de contos populares indianos com seu encantador *Old Deccan Days* (John Murray, London, 1868; quarta edição, 1889). Seu exemplo foi seguido pela senhorita Stokes, pela senhora Steel e pelo capitão (agora major) Temple, pela pândita Natesa Sastri, pelo senhor Knowles e o senhor Campbell, assim como outros que publicaram contos populares em periódicos como o *Indian Antiquary* e *The Orientalist*. Bebeu-se muito na fonte da Índia moderna durante os últimos quatro séculos, embora a imensa extensão do país deixe espaço para incontáveis pesquisadores e coletâneas adicionais. Mesmo dentro do material já reunido, um grande número dos acontecimentos mais comuns nos contos populares europeus foi encontrado na Índia. Se nasceram ou foram levados para lá, temos muito pouca base para julgar, mas como alguns deles que ainda circulam pelo povo da Índia datam de mais de um milênio, a estimativa é favorável à origem indiana.

De todas essas origens, das Jatakas, do *Bidpai* e de coletâneas mais recentes, selecionei aquelas histórias que melhor esclarecem a origem da fábula e dos contos populares e, ao mesmo tempo, têm mais probabilidade de cativar crianças inglesas. No entanto, não incluí muitas histórias como as dos Grimm, a fim de não repetir o conteúdo dos dois volumes anteriores desta série. Isso, em certa medida, enfraqueceu o caso da Índia na representação neste livro. A necessidade de satisfazer os jovens restringiu minha seleção do renomado "Oceano de rios de histórias", *Kathá-Sarit-Ságara*, de Somadeva. As histórias em páli e sânscrito eu peguei de traduções, em sua maioria do alemão, realizadas por Benfey ou do vigoroso inglês do prof. Rhys-Davids, a quem devo agradecer por ter me permitido usar suas versões das Jatakas.

Pude tornar este livro uma coletânea representativa dos Contos de Fadas da Índia por causa da cortesia dos compiladores originais ou de seus

editores. Devo um agradecimento especial à senhorita Frere, que gentilmente abriu exceção e me permitiu usar a bela história “Punchkin” e o curioso mito *Como Sol, Lua e Vento saíram para jantar*. A senhorita Stokes foi igualmente amável em me permitir usar amostras características de seu *Indian Fairy Tales*. Ao major Temple, devo o privilégio de selecionar textos de seu admirável *Wideawake Stories*. Os senhores da Kegan Paul, Trench & Co. permitiram que eu consultasse *Folk-tales of Kashmir*, do senhor Knowles, em sua Biblioteca Oriental; e os senhores da W. H. Allen foram igualmente solícitos em relação ao *Tales of the Sun*, do senhor Kingscote. O senhor M. L. Dames possibilitou que eu enriquecesse a publicação ao me conceder o uso de uma de suas coletâneas inéditas de contos populares balúchis.

Também sinto-me grato pela cooperação de meu amigo, o senhor J. D. Batten, que deu formas belas ou divertidas às criações da imaginação popular dos hindus. Não é fácil incorporar, como ele fez, o encanto e o humor tanto do celta quando do hindu. É apenas mais uma prova de que contos de fadas são mais do que celtas e hindus. São humanos.

JOSEPH JACOBS



O leão e a garça

O bodisatva certa vez veio ao mundo na região de Himavanta como uma garça branca. Na época, Brahmadata reinava em Benares. Ocorreu que, enquanto um leão comia carne, um osso ficou preso em sua garganta. Como ela ficou inchada, ele não conseguia se alimentar e seu sofrimento era terrível. A garça, empoleirada em uma árvore em busca de comida, ao vê-lo, perguntou:

– O que te aflige, amigo? – Ele contou o motivo. – Eu poderia te livrar desse osso, mas não ousou entrar em tua boca, pois temo que me devores.

– Não temas, amigo, não vou te devorar; apenas salve minha vida.

– Pois bem – disse ela, fazendo-o deitar sobre seu lado esquerdo. Mas pensando consigo: “Quem sabe o que esse sujeito fará”.

Ela posicionou um pequeno graveto entre os maxilares, de modo que o leão não pudesse fechar a boca, então inseriu a cabeça dentro da boca do leão e acertou uma ponta do osso com o bico. Em seguida, o osso se soltou e caiu. Tão logo derrubou o osso, ela saiu da boca do leão, batendo com o bico no graveto para que caísse, e depois se acomodou sobre um galho.

O leão ficou curado e, um dia, estava devorando um búfalo que havia matado. A garça, pensando: “Vou testá-lo”, pousou sobre um galho bem acima de onde ele estava e, em tom de conversa, disse a primeira estrofe:

*Um serviço lhe foi prestado.
Com toda minha habilidade,
Rei das feras! Vossa majestade!
Como serei recompensado?*

Em resposta, o leão recitou a segunda estrofe:

*Como de sangue me alimento,
E sempre caço para comer,
Fique feliz em ainda viver,
E de minha boca ter saído isento.*

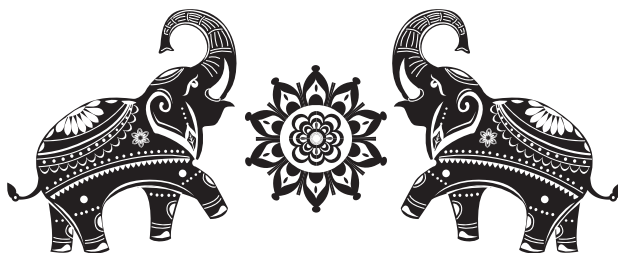
Então a garça disse mais duas estrofes:

*És incapaz de reconhecer o bem
Que lhe fizeram no passado
Em ti não há gratidão por outrem
Eu já devia ter imaginado.*

*Mesmo com uma boa ação
A amizade não avança
É melhor eu partir, então
E ficar em segurança.*

Após dar seu recado, a garça voou para longe.

E quando o grande Mestre, Gautama, o Buda, contava essa história, costumava acrescentar: “Naquela época, o leão era Devadatta, o Traidor, e a garça branca era eu mesmo”.



Como o filho do rajá conquistou a princesa Labam

Em um país, havia um rajá cujo único filho saía todo dia para caçar. Certa vez, Rani, sua mãe, disse a ele:

– Você pode caçar onde quiser nessas três margens, mas nunca deve ir à quarta margem. – Ela disse isso porque sabia que se ele fosse até lá, ouviria falar da bela princesa Labam e então deixaria seu pai e sua mãe para ir em busca da princesa.

O jovem príncipe deu ouvidos à mãe e a obedeceu por algum tempo; mas um dia, quando estava caçando nas três margens que eram permitidas, lembrou-se do que ela havia dito sobre a quarta margem e decidiu ir até lá para ver por que estava proibido de caçar daquele lado. Ao chegar, avistou uma selva repleta de uma grande quantidade de papagaios. O jovem rajá disparou contra alguns e, de imediato, todos saíram voando. Todos, menos um, que era o rajá deles e se chamava papagaio Hiranman.

Quando o papagaio Hiranman notou que estava sozinho, gritou para os outros papagaios:

– Não fujam e me deixem sozinho quando o filho do rajá disparar. Se me abandonarem, contarei à princesa Labam.